

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: V. Glória

Class.: Mata Atlântica

Data: 09/03/1977

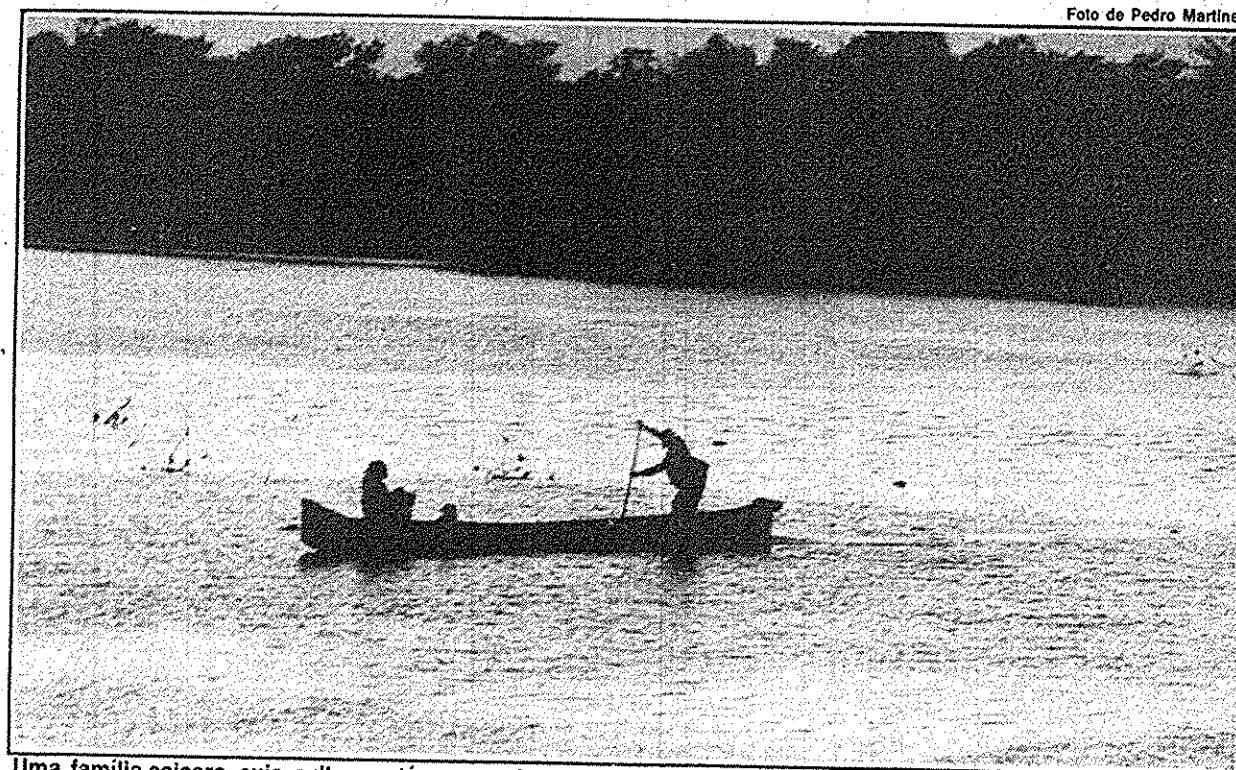
Pg.: 03

Fundação tenta salvar a Mata Atlântica

O complexo estuarino-lagunar de Iguape-Paranaguá, que se estende pelo litoral de São Paulo e Paraná e é considerado como um dos três principais ecossistemas litorâneos do planeta, conta desde o final do ano passado com a decisiva atuação de uma organização privada que tenta evitar sua total destruição: a Fundação S.O.S Mata Atlântica que, no próximo dia 19 de novembro, o Dia da Bandeira, será lançada publicamente a nível nacional em uma campanha com o tema "Estão Tirando o Verde de Nossa Terra" e cujo símbolo é a bandeira nacional com o verde "comido" de um lado.

A fundação, que foi criada formalmente em abril desse ano, quer impedir a devastação da Mata Atlântica existente na região, considerada como o mais importante remanescente dos cinco por cento que restaram da área original dessa floresta. Esse ecossistema tropical já se estendeu do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte, cobrindo 10 por cento do território brasileiro, mas hoje existem apenas pequenos resquícios, tanto que é considerada como uma das três florestas mais ameaçadas do mundo e é a primeira onde pode ocorrer o rompimento do equilíbrio ecológico, provocando o desaparecimento de milhares de espécies vegetais e animais.

— Nosso primeiro plano de ação é no complexo estuarino-lagunar de Iguape e Paranaguá, mas depois pretendemos atuar até a área da Juréia e entrar pelo Vale da Ribeira. Já a Mata Atlântica deve ser a prioridade número um do País em termos de preservação. As florestas tropicais são as mais ameaçadas do mundo. Nossa fundação será lançada nacionalmente numa campanha feita gratuitamente pela DPZ e, com apoio do World Wildlife Fund americano, instalaremos bases avançadas no complexo lagunar para a educação ecológica, apoio à comunidade local



Uma família caçara, cuja cultura está ameaçada, cruza um dos rios da região, tendo ao fundo a floresta atlântica

(caçaras), organização do turismo ecológico e ajuda na fiscalização — disse um dos criadores da fundação, João Meirelles Filho.

A preocupação é que, apesar da região ser tombada e possuir várias unidades de conservação, continua a ser devastada diariamente. Com 20 mil quilômetros quadrados, o complexo é uma formação única em toda sua extensão costeira, além de representar o último ecossistema não poluído do Atlântico Sul. A Floresta Atlântica que recobre as terras é o segundo maior banco genético do Brasil, com 20 mil espécies vegetais. Mas a região, apesar de ter permanecido intacta por longo tempo, sofre

agora a pressão das madeiras, da especulação imobiliária e do crescimento populacional, pois num raio de 200 quilômetros moram 25 milhões de brasileiros.

Divididos entre vários subprogramas, a fundação implantará ainda inúmeros projetos na região, como o de levantamento da fauna, flora e áreas ameaçadas; de preservação arqueológica, histórica e cultural; de educação ambiental e desenvolvimento comunitário. Será realizado ainda um inventário florístico e construídos um jardim botânico e um viveiro do mar.

— Outro projeto que realizaremos

é o de refazer a viagem do navegador Joshuá Slocum, que em 1888 saiu de Guaraquecaba, no Paraná, e foi num veleiro de apenas 10 metros até Whashington, nos Estados Unidos. E o Projeto Liberdade, porque foi na época da Lei Aurea. Faremos uma réplica do veleiro e uma série de eventos contra a destruição da floresta atlântica em locais onde o navegador parou durante o percurso até Recife. Já na ONU, entregaremos um abaixo-assinado para os presidentes dos sete grandes países industrializados pedindo a salvação do que resta das florestas tropicais em todo o mundo — disse José Meirelles Filho.

Foto de Pedro Martinele

DEVASTAÇÃO

Metade da floresta já foi derrubada

A região estuarino-lagunar da baixada Iguape-Cananéia apresenta grande complexidade ecológica, onde ocorrem os sambaquis, cujos poucos exemplares ainda existentes estão na Ilha do Cardoso, transformada em parque por decreto.

Manguezais, vegetação arbustivo-rasteira e a mata tropical pluvial compõem a flora da região. Existem cerca de três mil quilômetros quadrados de manguezais e a perda florestal nos últimos 25 anos foi de 60%, com taxas de desmatamento anuais de 250%. Mesmo assim, o Vale do Ribeira detém 3,5% dos 5% da cobertura remanescente do Estado de São Paulo.

Muitas espécies animais da Mata Atlântica estão ameaçadas de extinção, como jacaré-de-papo-amarelo, jaó, macuco, jacutinga e a onça-pintada. Só a sardinha e o camarão sobreviveram à pesca predatória ilegal no litoral paulista. O ecossistema (em especial a Ilha do Cardoso) é refúgio de aves migratórias antárticas e abrigo internacional de espécies em extinção acelerada.

Até a década de 50, quando começaram a chegar os imigrantes europeus, as terras da região pertenciam aos caçaras, pescadores de técnica apurada cuja cultura corre risco de extinção. A existência de terras devolutas torna a região paraíso dos grileiros e a situação fundiária atual é caótica.